**Faculdade UnYLeYa**

**Ciência Política**

**José Antonio Correa Lages**

**Pierre Bourdieu: vida, obra e teoria**

**Brasília**

**24/08/2017**

**Pierre Bourdieu: vida, obra e teoria**

**Introdução**

Pierre Bourdieu é considerado um dos maiores sociólogos de língua francesa das últimas décadas, sendo um dos mais importantes pensadores do século XX. Sua produção intelectual, desde a década de 1960, estende-se por uma extensa gama de temas. Embora nosso contemporâneo, é tão respeitado quanto um pensador clássico. Crítico mordaz dos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais, Bourdieu construiu um importante referencial teórico no campo das ciências humanas.

Sua obra é reconhecida pela sua originalidade, mas é objeto de muitas controvérsias. Vários dos seus críticos, notadamente os marxistas ortodoxos, numa leitura parcial de seus trabalhos, classificam-no como um teórico da reprodução das desigualdades sociais. Mas para Bourdieu, os condicionamentos materiais e simbólicos agem sobre os indivíduos e a sociedade numa complexa relação de interdependência. Ou seja, a posição social ou o poder que detemos na sociedade não dependem apenas do volume de recursos materiais que acumulamos ou de uma situação de prestígio que desfrutamos, mas está na articulação de sentidos que esses aspectos podem assumir em cada momento histórico.

Para Pierre Bourdieu, a sociologia deve aproveitar sua vasta herança acadêmica, apoiar-se nas teorias sociais desenvolvidas pelos grandes pensadores das ciências humanas, fazer uso de técnicas estatísticas e etnográficas e utilizar procedimentos metodológicos sérios e vigilantes para se fortalecer como ciência. Ele fez de sua vida acadêmica e intelectual uma arma política e de sua sociologia uma sociologia engajada, profundamente comprometida com a denúncia dos mecanismos de dominação em uma sociedade injusta. De acordo com sua perspectiva, a sociedade ocidental capitalista é uma sociedade hierarquizada, organizada segundo uma divisão de poderes extremamente desigual.

Veremos neste trabalho como se organizaria essa distribuição desigual de poderes e como as formações sociais capitalistas conseguem manter os grupos sociais e os indivíduos hierarquizados. Em outras palavras, como se perpetua uma situação de dominação entre os grupos sociais e entre as pessoas.

**Vida e obra**

Nascido no vilarejo de Denguin, no sudoeste da França, em 01/08/1930, **Pierre Félix Bourdieu** era originário de uma família de camponeses. Pouco se sabe sobre a sua infância e adolescência. Fez a educação básica em um internato em Pau, experiência que deixou nele marcas muito negativas. Em 1951, mudou-se para Paris, onde ingressou na Faculdade de Letras e na Escola Normal Superior. Formou-se em Filosofia em 1954 e logo iniciou sua vida profissional como professor em Moulins. Poucos anos depois, teve de interromper a sua carreira no magistério em função do serviço militar obrigatório que o enviou para a Argélia, então colônia francesa que lutava pela sua independência nacional. Aproveitando-se desta mudança, assumiu o cargo de professor na Faculdade de Letras da capital do país, Argel (FERRARI, 2014; GASPARETTO JÚNIOR, 2015).

Retornando a Paris, **Bourdieu** foi assistente de **Raymond Aron**, importante filósofo, sociólogo e comentarista político da França na Faculdade de Letras de Paris. Em 1960, tornou-se membro do Centro Europeu de Sociologia, no qual ocuparia o cargo de secretário-geral dois anos depois. Seu retorno à França marca também o início de sua volumosa produção intelectual. Foi professor de Filosofia na Sorbonne, diretor e professor de Sociologia na École des Hautes Études em Scienses Sociales e, finalmenta, foi eleito em 1982 para ocupar a cadeira de Sociologia no Cóllege de France, o Olímpo da academia francesa. Foi ele quem deu início às publicações *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*. Ele destacou-se por propor uma crítica sobre a formação do sociólogo, buscando o que ficou identificado como “Sociologia da Sociologia”.

**Bourdieu** tornou-se referência na Antropologia e na Sociologia publicando trabalhos sobre educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística e política. Suas reflexões dialogavam tanto com o conceito de *classes sociais* de Karl Marx quanto com o conceito de *esferas* de Max Weber (GASPARETTO JÚNIOR, 2015). Adepto da nomenclatura do *construtivismo estruturalista*, ele argumentava que há estruturas objetivas no mundo social que podem coagir a ação dos indivíduos. Todavia essas estruturas são construídas socialmente. Por outro lado, Pierre Bourdieu rejeitava a dicotomia *subjetivismo x objetivismo* nas ciências humanas, dizendo que as relações sociais estão numa relação dialética.

Com sua vasta produção intelectual, ele recebeu o título de *Doctor Honoris Causa* em três importantes instituições da Europa: na Universidade Livre de Berlim, em 1989, na Universidade Johann Wolfgang Goethe, em 1996, e na Universidade de Atenas, no mesmo ano. Pierre Bourdieu morreu de câncer no dia 23 de janeiro de 2002 em Paris, oportunidade em que foi tema de longos comentários em noticiários de toda Europa. Um ano antes, um documentário sobre ele, *Sociologia é um esporte de combate*, havia sido um sucesso inesperado nos cinemas da França (GASPARETTO, 2015).

Pierre Bourdieu tornou-se ideólogo e símbolo dos protestos contra a globalização econômica e cultural, sobretudo depois do lançamento, em 1993, do livro *A Miséria do Mundo*. Ele assumiu um papel ativo de apoio à greve dos funcionários públicos da França em 1995 e 1996, por julgar que ela representava um sinal de resistência do espírito público contra as privatizações (FERRARI, 2014). Desde então, posicionou-se fortemente contra a tendência política neoliberal e todas as outras que considerava aparentadas a ela, incluindo a linha de moderação adotada pelos partidos de esquerda que chegaram ao poder na Europa. Bourdieu costuma ser incluído na tradição francesa do intelectual público e combativo, ou do intelectual orgânico como queria Gramsci, a exemplo do escritor Émile Zola (1840-1902) e do filósofo Jean Paul Sartre (1905-1980).

Grupos movidos por insatisfação semelhante à de Bourdieu amplificaram seus protestos durante a reunião da Organização Mundial do Comércio em Seattle, nos Estados Unidos, em 1999, dando origem ao Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Com suas críticas a uma ordem que considerava excludente, ele centrou fogo contra os meios de comunicação, que acusava de renderem-se à lógica do comércio e produzirem lixo cultural em larga escala. (FERRARI, 2014).

Entre seus livros mais conhecidos estão *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino* (1970), *A Distinção: crítica social do julgamento* (1979) que trata dos julgamentos estéticos como distinção de classe, *Sobre a Televisão* (1996), *Contrafogos: táticas para resistir à invasão neoliberal* (1998) a respeito do discurso neoliberal, *A* *Dominação Masculina* (1998), *As Regras da Arte* e *O Ofício do Sociólogo*. No Brasil, no entanto, as suas duas obras mais conhecidas e estudadas nos meios acadêmicos são *O Poder Simbólico* e *A Economia das Trocas Simbólicas.*

**Seus principais conceitos**

Para construir sua teoria, Bourdieu criou uma série de conceitos. Todos partem de uma tentativa de superação da dicotomia entre subjetivismo e objetivismo. Ele acreditava que qualquer uma dessas tendências, tomada isoladamente, conduz a uma interpretação restrita ou mesmo equivocada da realidade social. Um exemplo disso: o machismo, segundo o sociólogo, se mantém não só pela preservação de mecanismos sociais, mas pela absorção involuntária, por parte das mulheres, de um discurso conciliador. A produção simbólica - resultado das elaborações em áreas como arte, ciência, religião e moral – constitui o vetor principal, porque recria as desigualdades de modo indireto, escamoteando hierarquias e constrangimentos.

Assim, estruturas sociais e agentes individuais se alimentam continuamente de uma engrenagem de caráter conservador. É o caso da maneira como cada um lida com a linguagem. Para Ferrari (2014), tudo que a envolve - correção gramatical, sotaque, habilidade no uso de palavras e construções etc. - está fortemente relacionado à posição social de quem fala e à função de ratificar a ordem estabelecida . Para Bourdieu, todas essas ferramentas de poder são essencialmente arbitrárias, mas isso não costuma ser percebido. É necessário que os dominados as percebam como legítimas, justas e dignas de serem utilizadas. Por aí se constroem consensos na sociedade, os quais não possuem outra função senão manter a sua estabilidade e reprodução.

Com os instrumentos teóricos que criou, Bourdieu afastou de suas análises a ênfase central nos fatores econômicos - que caracteriza o marxismo - e introduziu, para se referir ao controle de um estrato social sobre outro, o conceito de violência simbólica, legitimadora da dominação e posta em prática por meio de estilos de vida. Para Queiroz (2014), isso explicaria por que é tão difícil alterar certos padrões sociais: o poder exercido em campos como a linguagem é mais eficiente e sutil do que o uso da força propriamente dita.

A verdade da interação nunca está totalmente expressa na maneira como ela se nos apresenta imediatamente. Uma das mais importantes questões na obra de Bourdieu se centraliza na análise de como os agentes incorporam a [estrutura social](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrutura_social) ao mesmo tempo que a produzem, legitimam e reproduzem. Neste sentido se pode afirmar que ele dialoga com o Estruturalismo ao mesmo tempo que pensa em que espécie de autonomia os agentes detêm (SETTON, 2013). Ele, então, se propõe a superar tanto o objetivismo estruturalista quanto o subjetivismo interacionista (fenomenológico, semiótico).

Mas vejamos quais são os principais conceitos de Bourdieu que servem de base para esta teoria geral. Comecemos pelo conceito de *Habitus*. Para ele, *habitus* é um sistema subjetivo de estruturas interiorizadas, esquemas de percepção, de concepção e de ação que são comuns a todos os membros do mesmo grupo ou da mesma classe (QUEIROZ, 2014). Essa noção está associada tanto à interiorização de normas e de valores quanto aos sistemas de classificações preexistentes às representações sociais.

Para Queiroz (2014), de outra forma, *habitus*é o sistema pelo qual nós produzimos nosso modo de pensar, falar e agir e, que sustém a estrutura da realidade social em qual nós vivemos. O *habitus* é composto por um conjunto de experiências sociais e relações históricas que adquirimos durante o percurso de nossas vidas, é um sistema mental (ou cognitivo) de disposições que são duráveis e ao mesmo tempo transponíveis.

Outro conceito utilizado por Bourdieu é o de *Campo*, para designar nichos da atividade humana nos quais se desenrolam lutas pela detenção do poder simbólico, que produz e confirma significados Esses conflitos consagram valores que se tornam aceitáveis pelo senso comum. No campo da arte, a luta simbólica decide o que é erudito ou popular, de bom ou de mau gosto. Dos elementos vitoriosos, formam-se o *habitus* e o código de aceitação social (QUEIROZ, 2014).

Assim, o *campo* se refere aum espaço simbólico que possui relações objetivas históricas e atuais no qual ocorre o posicionamento e disputas entre os agentes por meio dos diferentes tipos de capital. Um agente no campo artístico, por exemplo, usará do capital social e econômico para obter o monopólio do capital cultural. Dessa forma é visível que cada espaço represente um campo exclusivo – o campo religioso, o campo científico, o campo acadêmico, etc. – e assim, possui suas lógicas e seus princípios regulatórios característicos. Outro exemplo é a grande importância do campo do poder, onde a hierarquia das relações de poderes no campo político serve para estruturar a maioria dos outros campos.

Mas que capital é esse? Queiroz (2014) afirma que, embora Bourdieu não se considerasse um marxista, Marx teve uma grande influência sobre seu pensamento. Tanto para Marx quanto para Bourdieu, o capital estrutura as fundações da vida social e dita as posições dos sujeitos nessa ordem social, ou seja, quanto mais capital alguém possuir, mais poder esse alguém terá e ocupará uma posição privilegiada. Porém, Bourdieu vai além do capital de acúmulo de bens e riquezas econômicas.

Para ele, o conceito de *Capital* se exprime de diversas formas:

* *Capital Econômico*: diferentes fatores de produção, imóveis, salários, espólios etc.
* *Capital Cultural*: um antro de elementos sociais e simbólicos, como conhecimentos, experiências, maneirismos, títulos, etc. – o mesmo gosto por filmes, pinturas, esculturas, músicas e um diploma, por exemplo, cria um senso de identidade coletiva possibilitando uma mentalidade de uma determinada classe social.
* *Capital Social*: redes de relações sociais, relacionamentos, grupos, e relações sociais que podem se converter em recursos de dominação.
* *Capital Simbólico*: prestígio, honra e aquilo que possibilita o reconhecimento de certos agentes no espaço social.

Assim, os indivíduos se posicionam nos *campos* de acordo com o capital acumulado – que, como vimos, pode ser social, cultural, econômico e simbólico. O *capital social*, por exemplo, corresponde à rede de relações interpessoais que cada um constrói, com os benefícios ou malefícios que ela pode gerar na competição entre os grupos humanos. Já na educação se acumula, sobretudo *capital cultural*, na forma de conhecimentos apreendidos, livros, diplomas, etc.

Sendo o *habitus* homólogo às estruturas objetivas na sociedade, quando essas estruturas impõem qualquer tipo de dominação sob o *habitus* do indivíduo em um determinado campo, ocorre uma naturalização da dominação, ou seja, regras e crenças que são impostas ao indivíduo soam como conceitos naturais e comuns à sua existência, tornando qualquer tipo de desigualdade imperceptível. Trata-se aqui de outro conceito importante: o da *Violência Simbólica*.

Assim, para Bourdieu a sociedade não é formada por uma totalidade de uma única peça integrada por funções sistémicas ou uma autoridade global, ele vê a sociedade como um conjunto de esferas sociais relativamente autônomas que não conseguiriam ser levadas a uma lógica social única, tais como o capitalismo, a modernidade e a pós-modernidade.

**Considerações Finais**

A submissão de trabalhadores e a exclusão de mulheres, negros, índios e homossexuais na estrutura social muitas vezes não é consolidada por uma concessão consciente, esse tipo de chauvinismo diário atribuído a uma hegemonia cultural tecida pela força brutal do capitalismo, do homem branco, dos proclamadores do machismo e legitimadores da exclusão social é sutilmente e tacitamente elaborada por agentes que estendem e formulam valorações morais e mecanismos culturais como o estado e a mídia.

Logo a violência simbólica atua como uma concessão inconsciente, o dominado contribui para sua dominação e nenhuma relação antitética é criada entre o indivíduo e as estruturas vigentes, resultando na opressão em cumplicidade dos que são oprimidos com os opressores. A produção intelectual de Pierre Bourdieu com seus conceitos de habitus, campo, expressões do capital além da econômica, e violência simbólica dão uma contribuição ímpar para compreendermos as diversas formas de exclusão e dominação que persistem na sociedade contemporânea.

**Referências**

FERRARI, Mário. Pierre Bourdieu, o investigador da desigualdade. Nova Escola, Gestão Escolar, mar/2014. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/1826/pierre-bourdieu-o-investigador-da-desigualdade> > Acessado em 19.08.2017.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Uma Introdução a Pierre Bourdieu. In Revista Cult, mai/jun-2013. Disponível em <[https://revistacult.uol.com.br/home/uma-introducao-a-pierre-bourdieu](https://revistacult.uol.com.br/home/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/)> Acessado em 20.08.2017.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. Pierre Bourdieu. In Infoescola, Biografias, out/nov/dez-2015. Disponível em <<http://www.infoescola.com/biografias/pierre-bourdieu>> Acessado em 21.08.2017.

QUEIROZ, Victor de. Pierre Bourdieu, uma introdução. In Colunas Tortas, dezembro de 2014. Disponível em <<http://colunastortas.com.br/2014/12/22/pierre-bourdieu-uma-introducao> > Acessado em 22.08.2017.